



MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
 Superintendência do IPHAN no Estado de Santa Catarina
 Coordenação Técnica do IPHAN-SC

Parecer Técnico nº 563/2025/COTEC IPHAN-SC/IPHAN-SC

ASSUNTO: Análise técnica sobre o processo de solicitação de Registro como Patrimônio Cultural do Brasil da "Pesca com botos no sul do Brasil"

REFERÊNCIA: Proc. 01450.008956/2017-71

Florianópolis, na data de assinatura.

Se um brasileiro chegar aí e me perguntar: 'Por que tu pesca (com botos)?' Porque eu gosto. Não é nem porque eu preciso. Porque...eu posso dizer que a pesca sai da alma. Porque eu gosto muito, muito, muito de pescar. (Pescador Kauan, 17 anos, Tramandaí, 2024).

O Parecer Técnico nº 563/2025/COTEC IPHAN-SC/IPHAN-SC versa sobre os saberes e práticas tradicionais associados à "Pesca com botos no sul do Brasil" e está organizado nas seguintes seções: 1. Introdução; 2. Contextualização da Instrução Técnica para o Registro; 3. Caracterização do bem cultural "Pesca com botos no sul do Brasil"; 4. Pesca com botos como objeto de Registro; 5. Indicações para a Salvaguarda; 6. Conclusão; e Apêndice I: Glossário - Pesca com botos no sul do Brasil - 2025; Anexo I: Mapas e localizações e Anexo II - Enredamento histórias de vida de homens e botos em Laguna/SC.

1. INTRODUÇÃO

O presente Parecer Técnico, elaborado pela técnica da superintendência do Iphan em Santa Catarina Carla Ferreira Cruz, e pela técnica do Departamento de Patrimônio Imaterial Sabrina Cristina Queiroz Silva, analisa os Processos Administrativos SEI Nº 01450.008956/2017-71 (Laguna/SC), 01512.000899/2019-71 (Imbé/RS) e 01510.000236/2023-53 (Termo de Execução Descentralizada entre Iphan/SC e UFSC) que versam sobre o pedido de reconhecimento dos saberes e práticas tradicionais associados à "Pesca com botos no sul do Brasil" como Patrimônio Cultural do Brasil e a Instrução Técnica do seu Registro, visando manifestação técnica conclusiva a respeito.

Em 29 de junho de 2017, a Comissão Pastoral dos Pescadores e Pescadoras (CPP) da Diocese de Tubarão (fl. 3, 0006104) encaminhou ao Iphan pedido de Registro da "Pesca Artesanal com auxílio dos Botos em Laguna" como Patrimônio Cultural do Brasil. Em 30 de setembro de 2019, a

Associação Comunitária de Imbé – Braço Morto (ACI-BM) (fl. 1, 1626037) solicitou ao Iphan a Chancela da barra do Rio Tramandaí como Paisagem Cultural, visando a salvaguarda da pesca com botos. Os dois processos nascem no contexto de luta dos pescadores artesanais para acessar políticas públicas que auxiliem e/ou garantam a preservação socioambiental dos sítios e salvaguarda dos saberes por meio dos quais pescadores humanos e pescadores botos trabalham de forma colaborativa para capturar tainhas.

Os detentores dessa prática cultural enfrentam diversos desafios, entre eles destacam-se atualmente: i) a poluição química e sonora das águas onde os botos vivem, ii) a desterritorialização relacionada aos sítios onde os pescadores trabalham e/ou vivem, iii) as ameaças relacionadas à processo de ampliação de infraestrutura urbana, tais como, construção de ponte (ampliação da poluição sonora) e emissário de esgoto (ampliação da poluição química) no entorno dos locais de pesca. O Iphan e as Instituições de Ensino Superior (IESs), entram nesse contexto como pontos de apoio para esses pescadores, inclusive no diálogo com outras instituições públicas e privadas, reforçando a necessidade do contínuo processo de implantação e fortalecimento de unidades do Iphan e de IESs para além das capitais.

Desde o pedido de Registro, em 2017, o Iphan e parceiros são acionados em diversos momentos, tanto em relação a questões relacionadas à qualidade de vida dos pescadores botos quanto dos pescadores humanos. Em 2020, por exemplo, o Iphan/SC foi instado a buscar ajuda para a bota pescadora Caroba avistada em condições ruins de saúde (2315328). Caroba era considerada a bota pescadora mais antiga de Laguna/SC e faleceu aos 50 anos, em 2022, provavelmente por causas naturais.

Em relação a questões relacionadas aos pescadores humanos, em 2017, por exemplo, servidores do Iphan/SC foram convidados para visitar e conversar com pescadores que ficaram desabrigados após fortes chuvas, alguns pescadores moravam em área de risco. No Rio Grande do Sul, as enchentes extremas de 2023 afetaram tangencialmente os pescadores humanos, mas afetaram diretamente os pescadores botos e as tainhas. Essas questões demonstram a potencialidade deste bem cultural para suscitar reflexões e ações relacionadas ao patrimônio cultural e mudanças climáticas.

Nesse contexto, em 2023, o ETec Laguna/Iphan/SC elaborou um mapa demonstrando as áreas de pesca com botos, de moradia dos pescadores artesanais, do entorno do Centro Histórico Tombado e de Sambaqui (6716648). Pois o Iphan/SC, em conjunto com o DEPAM/Iphan, buscava avançar em reflexões e ações em torno de proposta de apoio aos detentores de Patrimônio Cultural do Brasil, junto ao Ministério das Cidades, no âmbito dos Programas habitacionais do Governo Federal, porém ainda não temos avanços consolidados em relação a essa questão.

No âmbito da Instrução Técnica do Registro, em conformidade com o Decreto nº 3551, de 04 de agosto de 2000, e com a Resolução nº 001, de 03 de agosto de 2006, destacam-se os seguintes documentos obrigatórios que compõem os Processos Administrativos SEI Nº 01450.008956/2017-71, SEI Nº 01512.000899/2019-71 e SEI Nº 01510.000236/2023-53:

- Documento da solicitação de Registro: Laguna/SC (0006104) e Imbé/RS (1626037);
- Anuências da Comunidade: Laguna/SC (0006104, 1678440) e Imbé/RS (1626048, 1626055, 1626063, 1733235);
- Material de apresentação do bem cultural: Laguna/SC (0661882, 0800245) e Imbé/RS (1630770);
- Nota Técnica de Pertinência (2718925);
- Ata da Reunião da Câmara Técnica do Patrimônio Imaterial (2795280);
- Produtos audiovisuais (https://drive.google.com/drive/folders/1xI9WP7w_kjI5RmD54OBBILUDGk9dAe8?usp=sharing);
- Fotografias encontradas em rede (\iphant\brasilia\33 - IPHAN-SC\SC Patr Imaterial\PESCA COM BOTOS);

- Autorizações de cessão de fotografias e de material audiovisual (\iphant\brasilia\33 - IPHAN-SC\SC Patr Imaterial\PESCA COM BOTOS);
- Cessão de direitos patrimoniais (\iphant\brasilia\33 - IPHAN-SC\SC Patr Imaterial\PESCA COM BOTOS);
- Mapas georreferenciados (6934927); e
- Dossiê descritivo (6904665).

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTRUÇÃO TÉCNICA PARA O REGISTRO

2.1. O PEDIDO DE REGISTRO

O processo relacionado ao pedido de Registro dos saberes e práticas tradicionais associados à “Pesca com boto no sul do Brasil” como Patrimônio Cultural do Brasil é resultado de mobilizações e esforços de diferentes agentes institucionais e da sociedade civil, tanto no campo do patrimônio cultural quanto no da conservação ambiental, ao longo de mais de uma década, caracterizando-se como um processo transdisciplinar, interinstitucional, interestadual e multiespécie.

A Pesca com boto já possui reconhecimento em âmbitos municipais e estaduais: em Laguna/SC, o boto é patrimônio natural do município, desde 1999, e a cidade se apresenta como a “Capital nacional do boto pescador”. Em Tramandaí/RS, o boto é patrimônio natural desde 1990. A Pesca com boto foi reconhecida como Patrimônio Imaterial de Santa Catarina, em 2018, e como de Relevante Interesse Cultural pelo Rio Grande do Sul, em 2020.

No âmbito do processo de Registro, para aprofundar o conhecimento sobre o bem, o Iphan contratou, entre 2019 e 2020, uma consultoria técnica com a antropóloga Letícia Vianna, a qual realizou pesquisa bibliográfica, documental e etnográfica em Laguna, mas não pôde ser estendida ao Rio Grande do Sul devido à pandemia de Covid-19. O relatório 4 da referida pesquisa (2134764) classifica a interação entre pescadores botos e pescadores humanos como mutualismo, uma parceria em que ambas as espécies se beneficiam, por isso, sugere o termo “pesca com colaboração do boto” em vez de “com ajuda ou auxílio”, a qual poderia implicar um benefício unilateral. Em 2021, a Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial (CSPI), do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Brasil, manifestou-se favoravelmente à pertinência do Registro, recomendando a instrução conjunta de ambas as demandas de patrimonialização oriundas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (2795280).

2.1.1. SANTA CATARINA

O envolvimento do Iphan com o bem cultural “Pesca com boto” foi intensificado a partir de 2013, por meio do projeto “Educar, Documentar e Valorizar para Preservar: Pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna”, financiado pelo Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI/Iphan). O projeto foi proposto pelos agentes culturais Wellington Linhares Martins e Fabrício Rocha, que na época atuavam na Fundação Lagunense de Cultura, e coordenado pela antropóloga Alicia Norma González de Castells, coordenadora do Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC (NAUI/UFSC).

A pesquisa identificou que além da praia, os trapiches (nos quais também podem estar localizados os “sarilhos”, detalhados no Dossiê de Registro de 2025) são identificados como espaços centrais na vida dos pescadores, servindo não apenas para atividades ligadas à pesca (conserto de redes, limpeza do peixe), mas também como locais de encontro e sociabilidade, funcionando como uma extensão de suas casas. O projeto também envolveu jovens das comunidades pesqueiras em oficinas, confirmando que os saberes e fazeres da pesca fazem parte do cotidiano das novas gerações e identificou que a Pesca com boto é muito mais do que uma técnica de captura, é uma prática social

abrangente que envolve conhecimento herdado, uma complexa relação interespecífica, com códigos sociais próprios e uma profunda identidade cultural. Entre os resultados desse projeto estão publicações e um documentário. Ele contribuiu também para a aproximação do Iphan e dos detentores, lançando as bases que fundamentaram o pedido de Registro em nível federal.

Conforme detalhado na Seção I deste Parecer, em 29 de junho de 2017, a Comissão Pastoral dos Pescadores e Pescadoras (CPP) da Diocese de Tubarão (fl. 3, 0006104), com anuência de 88 pescadores artesanais das Comunidades de Passagem da Barra, Cigana, Farol de Santa Marta, Canto da Lagoa, Magalhães, Campo Verde, Vila Vitória, Ponta das Pedras e Esperança (fls. 7-14, 0006104), encaminhou ao Iphan o pedido de Registro da "Pesca artesanal com auxílio dos botos em Laguna" como Patrimônio Cultural do Brasil.

O debate sobre qual instituição seria a proponente do pedido foi realizado pelo Iphan/SC junto aos pescadores. A partir da experiência com outros processos de Registro, os servidores do Iphan/SC auxiliaram os detentores a identificar qual parceiro teria a perenidade necessária para manter o diálogo com o Iphan por longo período (considerando o tempo necessário para a instrução completa do pedido de Registro), respondendo às demandas por informações e complementações, assim como qual seria o parceiro que conseguiria representar a maior quantidade de pescadores de forma harmônica (considerando que os pescadores estão espalhados em diversas comunidades e possuem divergências entre si e entre sindicatos e associações, assim como em relação ao poder público municipal).

Esse processo de reflexão conjunta sobre as múltiplas implicações e responsabilidades que envolvem ser o proponente de um processo de Registro se mostrou efetiva, pois a CPP permaneceu articulada e responsável às demandas relacionadas ao processo de Registro, mesmo com mudanças na direção e ponto focal no decorrer dos anos, assim como se demonstrou uma articuladora capaz de agrregar pescadores de diversas comunidades, sindicatos, cooperativas, etc, mesmo aqueles com divergências profundas.

A equipe do Escritório Técnico (ETec) de Laguna/Iphan/SC, em conjunto com a equipe da Sede do Iphan/SC, em Florianópolis, atuou ao longo de todo o processo de Registro, inclusive auxiliando os pescadores em relação a demandas relacionadas com outras instituições públicas e privadas, como, por exemplo, a realização de projeto arquitetônico de abrigo, em 2023. O abrigo é necessário e urgente, pois os pescadores humanos necessitam de espaço coberto a beira d'água para se proteger do vento e da chuva, enquanto aguardam os pescadores botos avisarem que chegou o momento apropriado para entrar na água e capturar tainhas.

O ETec Laguna/Iphan/SC realizou captação de recursos para este projeto, porém a autorização para construção do abrigo não conseguiu avançar em outros entes públicos e privados fora da área de ingerência do Iphan. Essa questão demonstra as potencialidades e limitações do Iphan em relação ao seu papel de articulador entre detentores e outros entes institucionais, reforçando a centralidade da ética no diálogo com os detentores de forma ética, informando sobre as limitações institucionais, para evitar ruídos de comunicação e quebra de confiança. Atualmente, existe a possibilidade de recursos, via emenda parlamentar, para a construção do abrigo direcionada para a Secretaria de Pesca, mas essa questão ainda enfrenta desafios interinstitucionais.

Em 2022, o projeto "Rede de ações e interconexões: Pesca artesanal colaborativa com botos e os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS-ONU), em Laguna/SC" foi vencedor do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade/Iphan, demonstrando a indissociabilidade das esferas natural e cultural no âmbito dessa prática cultural e o caráter transdisciplinar do bem, o qual possui potencialidade para ações de todos os departamentos do Iphan.

2.1.2. RIO GRANDE DO SUL

No Rio Grande do Sul, o Projeto Botos da Barra, conduzido por pesquisadores do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar/UFRGS) desde 2010, atua em conjunto com pescadores artesanais e comunidade para a salvaguarda da prática na região. Conforme mencionado na

Seção I deste Parecer, em 30 de setembro de 2019, a Associação Comunitária de Imbé – Braço Morto (ACI-BM) (fl. 1, 1626037), com apoio do Projeto Botos da Barra (Ceclimar/CLN/UFRGS) (1626048) e do Fórum da pesca do litoral norte-RS (1626055), e anuênciia de 06 pescadores profissionais de tarrafa (1626063), solicita ao Iphan a Chancela da barra do Rio Tramandaí/RN como Paisagem Cultural, visando a salvaguarda da pesca com botos. Devido à ausência de regulamentação para este instrumento na época, o Iphan/RN sugeriu a reformulação como um pedido de Registro (1628468).

Desde 2022, o Ministério Público Federal questiona o Iphan/RN a respeito das ações realizadas no âmbito da salvaguarda da Pesca com botos, tendo em vista a previsão de construção de ponte que atingiria os locais de pesca (3351542). Esse questionamento do Ministério Público faz referência a processo de licenciamento ambiental referente a “Projeto de Engenharia Rodoviária para obras restauração, melhorias e implantação de obra de arte especial (ponte) na RS-436 (Interligação com a RS-100)”, a obra está localizada no entorno de sítio de ocorrência da pesca com botos (4071194).

Além disso, no ano de 2024 o MPF solicitou manifestação do IPHAN-RN sobre o andamento do processo de Registro da Pesca com botos em virtude de Procedimento Administrativo (5612261) instaurado para acompanhar questões judiciais e um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) sobre o tratamento de esgoto em Xangri-Lá, RN, município do litoral norte gaúcho localizado a cerca de 20 km do lugar de ocorrência da Pesca com botos no estuário do rio Tramandaí. (E-mail do Coordenador Técnico do Iphan/RN, 6965537)

2.2 A INSTRUÇÃO TÉCNICA DO PROCESSO

A Instrução Técnica para o Registro foi realizada por meio de um Termo de Execução Descentralizada (TED), assinado em julho de 2023, entre o Iphan/SC e o Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (CANOA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenado pelo antropólogo Caetano Sordi, integrante do CANOA/UFSC. A equipe de pesquisa foi multidisciplinar, composta por antropólogos, biólogos e estudantes de diversas áreas como história, ciências sociais e museologia. O Dossiê de Registro (6904665), acompanhado de relatório detalhando os processos de extroversão baseados no tripé pesquisa-ensino-extensão realizados durante o TED, foi entregue ao Iphan em setembro de 2025.

A estratégia de pesquisa adotada foi fundamentada no método etnográfico, com uma abordagem personalizada para a natureza do bem cultural. Como base conceitual a equipe de pesquisa utilizou a antropologia ecológica, a antropologia multiespécie e a etnoecologia, para analisar as complexas formas de comunicação não-verbal e os saberes interespecíficos que constituem a prática. O objetivo foi demonstrar como a Pesca com botos constitui “comunidades híbridas”, ampliando o conceito de patrimônio cultural para além da dimensão exclusivamente humana, conforme recomendação do Iphan (2718925). O recorte geográfico da pesquisa concentrou-se nos dois principais sítios de ocorrência da prática: o sistema estuarino de Laguna/SC e a barra do Rio Tramandaí/RN. Também foi realizada visita à foz do Rio Araranguá, em Araranguá/SC para investigar o recente retorno da prática neste local. O trabalho de campo principal ocorreu durante as temporadas da tainha de 2024 e 2025, complementado por incursões pontuais ao longo do ano.

Para a condução da pesquisa, a equipe foi dividida em quatro Grupos de Trabalho (GTs) temáticos: i) identificação, ii) contextualização, iii) patrimônio, e iv) audiovisual. O GT Identificação focou-se na caracterização sociocultural e ecológica da prática e de seus detentores. O GT Contextualização dedicou-se a situar o bem em sua dimensão histórica, compreendendo suas continuidades e transformações. O GT Patrimônio foi encarregado de sistematizar os valores que justificam o Registro e diagnosticar os riscos e as recomendações de salvaguarda. Enquanto que, o GT Audiovisual ficou responsável pelo registro da prática por meio de imagens e sons, buscando capturar a ritualidade dos gestos e a sonoridade da interação.

Como parte do processo de mobilização e validação, foram realizados diversas reuniões e eventos, entre eles: i) encontro em Laguna/SC com detentores de Laguna/SC e de Imbé/RN para dialogar e iniciar os trabalhos da pesquisa do Dossiê (4823320); ii) participação na 21ª Semana de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação (Sepex) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em

2024 (6261618); e iii) encontros devolutivos com os detentores e parceiros em Imbé/RS e Laguna/SC, em julho e agosto de 2025, respectivamente (6636772).

Em relação a Nota Técnica DPI/Iphan Nº 21/2021 (6636834), a qual solicitou aprofundamento em algumas questões inerentes ao bem, o Relatório Técnico Parcial (p. 11, 6636834), de julho de 2025, detalha os avanços em cada uma das questões apontadas pela Nota Técnica, evidenciando que todas foram mantidas no campo de prioridades da pesquisa e adequadamente respondidas. Os produtos entregues pela equipe de pesquisa foram considerados excelentes e aptos para embasar a ação institucional do Iphan num reconhecimento e demonstram a convergência desses saberes com o conceito de referência cultural exposta no artigo 2º da Portaria Iphan nº 200, de 18 de maio de 2016.

3. CARACTERIZAÇÃO DO BEM CULTURAL "PESCA COM BOTOS NO SUL DO BRASIL"

A Pesca com botos é um fenômeno biosocial singular, que se manifesta como uma prática de pesca mutualista entre pescadores artesanais e botos. Ocorre de forma contínua há mais de um século em estuários do Sul do Brasil, principalmente em Laguna/SC e na barra do Rio Tramandaí/RS, com registros também na barra do Rio Araranguá/SC e na barra do Rio Mampituba/SC-RS. O debate sobre o nome desse bem cultural pode ser compreendido a partir de olhares diversos. As designações mais comuns nas biociências, por exemplo, são "Pesca cooperativa" e "Pesca colaborativa". Elas classificam a prática como um caso de mutualismo, interação por meio da qual duas espécies de vida livre se beneficiam. No entanto, estudo realizado com pescadores em Torres/RS e na barra do Rio Tramandaí/RS, revelou que grande parte dos detentores não conhece o significado acadêmico do termo "Pesca cooperativa" e o associa à ideia de uma cooperativa empresarial, o que pode gerar ruídos na comunicação e na apropriação do conceito pela comunidade. O termo "Pesca Conjunta" foi proposto pela antropologia multiespécie como uma forma de ressaltar o protagonismo e a agência de ambos os participantes, humanos e botos, na interação, evitando uma hierarquia implícita, porém não é um termo utilizado pelos detentores.

Em Santa Catarina, o bem foi Registrado em nível estadual com o nome "Pesca artesanal com auxílio de botos", este também foi o nome apresentado no pedido de Registro junto ao Iphan. O termo "auxílio" pode, no entanto, sugerir uma subordinação do boto à ação humana, o que não corresponde à dinâmica da prática, em que os botos frequentemente iniciam e conduzem a interação. A necessidade de aprimorar a nomenclatura foi, inclusive, destacada pelo próprio Iphan durante a avaliação do pedido de Registro. Durante a instrução técnica do processo de Registro também foram identificadas outras nomeações "Correr o boto" ou "Corrida do boto", termos comuns, principalmente em Tramandaí/RS, que descrevem a necessidade de os pescadores se deslocarem constantemente para acompanhar o movimento dos animais. Assim como, "Pesca do boto" e "Batida do boto", expressões locais que evidenciam o protagonismo do animal na atividade.

Diante dessa diversidade de termos, a equipe responsável pela elaboração do Dossiê de Registro optou pela designação "Pesca com botos" por razões práticas e de clareza. O termo foi escolhido por ser um denominador comum entre as várias designações, sendo de fácil compreensão e evitando as ambiguidades dos termos técnicos ou a especificidade das expressões locais. Essa abordagem é pertinente e se alinha ao entendimento do Iphan em relação à priorização da inteligibilidade dos detentores e comunidade em relação ao bem cultural nomeado.

Em relação a continuidade histórica, em Laguna/SC, relatos escritos datam do início do século XX, como o do naturalista Vieira da Rosa (1905), e descrições detalhadas surgem em meados desse século, como a de João dos Santos Areão (1950). Em Tramandaí/RS, Edgard Roquette-Pinto já mencionava em 1906 que a presença dos botos era um sinal de cardumes para os pescadores. Em relação às transformações nas técnicas e práticas, destacam-se as tarrafas, a infraestrutura e a relação com os botos. As tarrafas evoluíram de fibras de tucum, pesadas e pouco duráveis, para fios de algodão e, mais recentemente, náilon, que é mais leve e resistente. A tarrafa de argola, uma invenção mais recente, permite capturas maiores, mas é mais complexa de manusear que a tradicional tarrafa de rufo.

A construção de molhes (Laguna/SC) e do guia-corrente (Tramandaí/RS) no século XX, por exemplo, alteraram a dinâmica dos estuários, mas a pesca se adaptou. Alguns pescadores relatam que as estruturas podem até ter ajudado a estabilizar a prática, ao criar abrigos para os peixes. A relação entre humanos e botos também sofreu alterações, práticas antigas, como marcar os botos com talhos na nadadeira ("brutal batismo"), foram abandonadas, refletindo uma mudança na sensibilidade e na relação com os animais. Os botos também aprenderam a não rasgar as redes para pegar peixes, um comportamento que era comum no passado. A transmissão desses saberes, ocorre de forma intergeracional e interespecífica, garantindo que a prática se adapte e permaneça viva apesar das mudanças socioambientais.

3.1. ASPECTOS ESTRUTURANTES

Nesse contexto, os aspectos estruturantes da Pesca com botos são: (i) a interação complexa entre três protagonistas, (ii) a comunicação interespecífica, (iii) o aprendizado mútuo, (iv) as técnicas, (v) a organização social e (vi) o ambiente estuarino. Os três protagonistas são os pescadores humanos, os pescadores botos e as tainhas. Os pescadores humanos formam um segmento heterogêneo da pesca artesanal, com forte transmissão familiar do saber. A prática representa para eles tanto um meio de sustento quanto um "modo de vida" que estrutura a sociabilidade e a identidade. A maior parte dos pescadores são homens, pertencentes à segunda, terceira ou até quarta geração de famílias de pescadores, que aprenderam o ofício com pais, tios e avós. Suas idades variam amplamente, desde jovens como Kauan Pereira, de 17 anos, em Tramandaí/RS, a veteranos como Wilson Francisco dos Santos (Safico), com 75 anos, em Laguna/SC. Existem também aqueles que começaram a pescar mais tarde, seja como atividade de lazer após a aposentadoria ou como fonte de renda complementar.

A importância econômica da prática é variável. Para muitos, é a principal ou única fonte de renda familiar, alternando com outras modalidades de pesca ao longo do ano. Para outros, funciona como um complemento de renda ou uma atividade de lazer e socialização. Esta diversidade gera, por vezes, tensões entre os que "vivem da pesca" e os que a praticam eventualmente, especialmente durante a safra da tainha. Em relação aos humanos, a captura da tainha é realizada quase exclusivamente por homens, as mulheres e famílias desempenham papéis importantes no pós-pesca, como no beneficiamento (limpeza e filetagem), na comercialização do pescado e na confecção e reparo de tarrafas.

Os pescadores botos, conhecidos localmente como boto-de-Lahille, boto-pescador ou boto-da-tainha, são classificados pelos pescadores humanos como "botos bons" (que cooperam) e "botos ruins" (que não cooperam). Os "botos bons", majoritariamente fêmeas, são reconhecidos individualmente, recebem nomes e são considerados parceiros, amigos e/ou irmãos pelos pescadores humanos. Nos sítios, esses cetáceos que pescam com humanos são chamados de botos, botos-pescadores ou botos-da-tainha, diferenciando-se dos golfinhos ou caldeirões que vivem em alto-mar. As tainhas (*Mugil liza*) são a presa principal, o elo (ou "objeto do desejo" como nomeou Vianna) que une os dois mamíferos, os humanos e os botos. As tainhas são peixes catádromos que se desenvolvem em estuários e migram anualmente para o mar para desovar, geralmente entre abril e julho. A sua migração anual estrutura o calendário pesqueiro e mobiliza um vasto conhecimento ecológico local.

De acordo com a classificação científica, os botos que cooperam com os pescadores no Sul do Brasil pertencem ao gênero *Tursiops*. Popularmente conhecidos como golfinhos-nariz-de-garrafa, são chamados localmente de botos, botos-pescadores e botos-da-tainha. No meio científico, entretanto, há uma controvérsia taxonômica em torno da classificação do boto-de-Lahille (ou golfinho-nariz-de-garrafa-de-Lahille): alguns especialistas consideram se tratar de uma subespécie costeira da espécie *Tursiops truncatus gephyreus* (Vermeulen et al. 2019), enquanto outros consideram se tratar de uma espécie distinta, *Tursiops gephyreus* (Wickert et al., 2016). (Dossiê de Registro, 2025, p. 12)

Os pescadores humanos possuem amplo conhecimento sobre o ciclo das tainhas, classificando-as em diferentes estágios de desenvolvimento: tainha de corso (adultos em migração),

ovada, leiteira, virote ou cara preta (jovens), e facão (indivíduos magros após a desova). A chegada dos cardumes marca o auge do calendário pesqueiro, mobilizando saberes sobre captura, beneficiamento e consumo. A tainha é consumida de diversas formas (assada, frita, escalada) e suas ovas são uma iguaria valorizada, conhecida como “botarga”.

A interação entre esses três protagonistas acontece no limiar entre a terra e a água, sendo a tarrafa o elemento que conecta todos os protagonistas. A tainha escolhe o lugar, o boto define o momento e sinaliza para o homem, o homem interpreta a comunicação e identifica o momento exato de lançar a tarrafa para pegar uma maior quantidade de tainhas do que conseguiria se estivesse pescando sozinho e sem a orientação dos botos.

Eu aprendi vendo o meu pai fazer, porque o meu pai também fazia. Só que, naquela época, não eram essas tarrafas de hoje. Naquela época, eu comecei a fazer tarrafas. Tu tinhas que pegar o fio, que era o tucum. Tinha que enfiar, botar em um fuso. (Pescador Safico. Laguna, 2025, p. 65 *in Dossiê de Registro*)

No âmbito da comunicação interespecífica, percebe-se que a cooperação é iniciada e conduzida pelos botos, que encurralam os cardumes e os conduzem aos pescadores. O momento do lançamento da tarrafa é indicado por meio de sinais corporais ritualizados e específicos de cada local: o "pulo" (exposição do dorso) em Laguna/SC e a "cabeçada" em Tramandaí/RS. Trata-se de uma "língua de contato" não-verbal, cinética e analógica.

A comunicação entre pescadores e botos é essencialmente não-verbal, cinética e analógica. Os botos sinalizam a presença e a localização dos peixes com gestos específicos ("pulo", "batida", "cabeçada"). Os pescadores, por sua vez, indicam sua presença e disposição para pescar batendo a tarrafa na água (Laguna/SC) ou chutando a água (Tramandaí/RS). A tarrafa funciona como um "acoplamento técnico-sensorial", estendendo a percepção do pescador e até permitindo sentir as vibrações dos botos pela fieira.

Com boto é uma coisa assim. Tá esperando o boto pular. Tu sabe: se o boto pular, é peixe. Geralmente, pode pular até em nada, ou peixinho miudinho que passa na malha, mas geralmente é peixe, né. E sem boto, o cara tem que ficar espiando, parado, olhando, pra ver se o peixe levanta na frente ou corre. E tarafeando cegado, nas cegas, assim, sem ver nada, uma hora pode pegar. Mas aí não é minha praia. Cegado não. Com boto é melhor. Quando tem peixe, o boto dá aquele sinal. Agora, nas cegas, aí... é esperar ver. Tem dia que o cara fica o dia inteiro na espera, e custa a ver dois, três peixes o dia inteiro. E com o boto, se o boto tá ali e passar no fundo e sentir o peixe, ele pega (Pescador Gegê. Laguna, 2024, p. 70 *in Dossiê de Registro*).

Em relação ao aprendizado mútuo, o conhecimento é transmitido não apenas dentro de cada espécie, mas é co-constituído na interação. Pescadores humanos aprendem com os mais velhos a "educar a atenção" para os sinais, a transmissão ocorre de forma predominante entre pais e filhos. Enquanto que os pescadores botos aprendem a cooperar principalmente com suas mães, em um processo de transmissão matrilinear reconhecido pelos pescadores humanos: boas botas ensinam seus filhotes a serem bons pescadores. Humanos e botos "ensinam" uns aos outros, refinando a cooperação ao longo do tempo. Os pescadores mais jovens aprendem com os mais experientes (pais, tios, amigos), num processo de "redescoberta guiada". O aprimoramento das habilidades permite o uso de tarrafas maiores e o acesso a pontos de pesca mais privilegiados. Os pescadores reconhecem que os botos jovens são mais "vadios" ou inexperientes e se tornam mais "sérios" com o tempo, como foi o caso do boto Natalino, em Laguna/SC. Os pescadores afirmam que "ensinam" os botos ao responderem aos seus sinais, e os botos também os "ensinam". Um pescador inexperiente pode "estragar" um boto ao lançar a tarrafa no momento errado, e um boto jovem pode confundir um pescador.

E tinha naquele tempo um pescador, que hoje é vivo ainda, acho que tem 81 anos, 82 anos. Ele criou todos filhos pescador, e só na base da tarrafa e da linha de mão, nunca pescou de rede. [Um dia], a Galhamol, quando respirou, (...) a bolinha dos olhos dela correu pra trás, assim. E eu comecei a prestar atenção, sabe? Comecei a prestar atenção: 'bah, pior que correu mesmo!'. A bolinha dos olhos, ela correu assim, entendeu? E ele [pescador] botou tarrafa e pegou. Daqui a pouco ele parou assim de novo. O boto mostrando. Daqui a pouco, mostrou assim, na feição dele, e ele pegou. Daí eu comecei a cuidar. Ele chegava pra mim e dizia, 'entendeu?' Então, isso aí tudo a gente vai aprendendo, sabe? Mas [a Galhamol] era o único boto que fazia isso aí, entendeu?

Que os olhos dele tinham uma bolinha ali dentro, que corria assim (Pescador Maurino. Imbé, 2024,p. 81 *in Dossiê de Registro*).

Essa dinâmica de aprendizagem contínua e interligada é o que garante a resiliência e a continuidade do bem cultural, mesmo sem a existência de um grupo humano com laços comunitários formalmente definidos. A comunidade, nesse caso, é híbrida e definida pela própria prática. Em relação ao ambiente estuariano, como detalhado em todo este parecer, também destaca-se no Dossiê e nas pesquisas anteriores que a configuração morfológica e ecológica da paisagem é condição necessária para que a interação entre os três protagonistas (pescadores humanos, os pescadores botos e as tainhas) aconteça.

3.2. PATRIMÔNIO ONOMÁSTICO

O Patrimônio Onomástico (Onomástica é o campo da linguística que estuda os nomes próprios) associado à Pesca com botos é uma dimensão cultural fundamental que expressa a natureza duradoura, afetiva e pessoal da relação entre os pescadores e seus parceiros botos. Estes nomes, renovados a cada geração de botos, constituem um testemunho da atmosfera cultural de suas épocas e da percepção de mundo dos pescadores. A arte de nomear os botos é a marca linguística da relação íntima e pessoal que se estabelece entre as duas espécies.

Um dos aspectos que melhor exemplifica o caráter duradouro e afetivo das relações que constituem o bem cultural é a forma como os pescadores nomeiam seus parceiros botos. Com efeito, as interações na pesca cooperativa não ocorrem com animais anônimos e genéricos, mas com seres individuados, reconhecidos por seus nomes, linhagens e trajetórias singulares. Esses nomes constituem um patrimônio onomástico que se renova a cada geração de botos, expressando elementos da percepção de mundo dos pescadores e constituindo-se como testemunhos da atmosfera cultural das suas respectivas épocas. (Dossiê de Registro, 2025, p. 12)

Ao longo de mais de um século de prática, os pescadores desenvolveram um vasto acervo de nomes, com mais de 107 registros coletados em Laguna/SC. Os nomes atribuídos aos botos têm diversas origens, refletindo a criatividade e a percepção atenta dos pescadores: i) características físicas e marcas, ii) comportamento e personalidade ("jeitão"), iii) referências culturais e homenagens, e iv) eventos e circunstâncias. Em Laguna/SC, os registros históricos mencionam nomes como Canivete, Miguel, Fandango, Miranda e Dolores. As Gerações mais recentes recordam com carinho de Caroba, Scooby, Figueiredo e Galha Torta. Atualmente, a nova geração de botos inclui nomes como Natalino, Fúria, Princesa, Mamipé e Chuteira. Em Tramandaí/RS, a memória oral e registros dos anos 1980 e 1990 apontam para botos como Galhamol, Foto Arma, Manchada, José Barata, Pomba e Lobisomem. A bota Geraldona é a matriarca, considerada a mãe de muitos dos botos que trabalham hoje, como Rubinha. Outros indivíduos importantes são Coquinho (filho de Galhamol), Catatau e Bagrinho. No Rio Araranguá/SC e no Rio Mampituba/SC-RS, embora a prática de nomear os botos tenha diminuído ou sido interrompida por um tempo, a memória dos nomes persiste. No Rio Araranguá/SC, reportagens de 1974 listavam nomes como Guerreiro, Galhudo, Bota Morena e Siverinho. Com a recente retomada da prática, novos nomes surgiram, como Velma, Salsicha, Galha Cortada e Lula. Em Mampituba/SC-RS, onde a prática parece estar em declínio, os pescadores ainda lembram de nomes antigos como Carona e Galhamol, e pesquisas dos anos 1990 registraram um extenso rol de nomes como Tonina, Puxador e Cabeçudo.

3.3. TÉCNICAS E PATRIMÔNIO MATERIAL

No contexto das técnicas e da cultura material, a tarrafa (de rufo ou de argola) é o equipamento central, funcionando como uma extensão do corpo do pescador e um "acoplamento técnico-sensorial". A paisagem dos sítios é marcada por elementos da cultura pesqueira, como os sarilhos (estruturas de madeira para abrigar barcos), trapiches e embarcações tradicionais. Sobre a organização social, destacam-se as variações sociotécnicas, em Laguna/SC, por exemplo, a pesca pode

ser embarcada ou não. Na Praia da Tesoura, organiza-se por um sistema de "vagas" fixas, ocupadas por ordem de chegada. Os pescadores ficam enfileirados com água até a cintura, aguardando o sinal do boto, que geralmente é o "pulo". Na "batida" (pesca embarcada), praticada em áreas mais profundas, como no Rio Tubarão/SC, a partir de botes e bateiras, a organização é rotativa, com posições relativas entre os barcos. Nesta modalidade, os pescadores frequentemente esperam pela "batida", um sinal mais complexo onde o boto agrupa o cardume antes de dar um risco com a cauda na água, resultando em capturas maiores.

Enquanto que, no Rio Tramandaí/RS, a principal característica é a "corrida do boto", não existindo um sistema de "vagas". Nessa "corrida" os pescadores não ficam em posições fixas, mas se deslocam constantemente ao longo da margem, acompanhando o movimento dos botos que encurralam os peixes. Esta dinâmica favorece o uso de tarrafas de rufo, que são mais rápidas de despescar, alguns pescadores usam "babyydoll", espécie de rede vestida no corpo na qual eles guardam as tainhas sem precisar sair da "corrida". Antigamente, em Tramandaí/RS, existia o sistema da "baliza", com posições fixas e fiscais, mas foi abandonado devido ao aumento do número de pescadores e à mudança de comportamento dos botos. O respeito entre os pescadores e o conhecimento da prática ditam a organização. A pesca ocorre ao longo da faixa arenosa na margem sul (Tramandaí) e no guia-corrente à beira da praia na margem norte (Imbé).

Durante a pesquisa, foram identificados pelos pescadores, em Laguna/SC, 48 pontos de Pesca com botos, dos quais 42 continuam ativos. Em Imbé/RS, foram identificados 09 pontos de pesca ativos. Existe uma conexão histórica e ecológica entre os diferentes sítios de pesca com botos. Há relatos de famílias de pescadores que migraram entre os locais, como a do pescador Maurino, que se mudou de Araranguá/SC para Tramandaí/RS. Os pescadores também visitam uns aos outros e trocam informações através de redes sociais e encontros. Os botos também se deslocam entre os estuários. A população que frequenta as barras dos rios Tramandaí/RS, Mampituba/SC-RS e Araranguá/SC pertence à mesma Unidade de Manejo, indicando movimentação entre essas áreas. A retomada da Pesca com botos no Rio Araranguá/SC, a partir de 2021, foi feita por um grupo de botos que antes era visto com mais frequência no Rio Mampituba/SC-RS. O fato de usarem a "cabeçada", sinal típico do Rio Tramandaí/SC, reforça essa conexão. O declínio da prática no Rio Mampituba/SC-RS e sua recente retomada no Rio Araranguá/SC ilustram a delicada convergência de fatores ecológicos e sociais (como a presença de redes, morfologia do canal e disponibilidade de presas) que sustentam ou interrompem a interação.

A pesca com botos coexiste de forma tensa com outras modalidades de pesca artesanal e industrial na região. A maior fonte de tensão é com o uso de redes de emalhe (feiticeiras) e armadilhas para camarão (aviãozinho), que são fixadas nos canais e representam um risco de emalhe acidental para os botos. Os pescadores relatam que a presença massiva dessas redes afasta os botos das áreas de pesca. Há também uma preocupação geral com a sobrepesca da tainha exercida por frotas industriais, que reduz o estoque disponível para a pesca artesanal. Também ocorrem conflitos com pescadores amadoristas de linha ou tarrafa que não conhecem ou não respeitam as regras locais da pesca com botos. Nesse sentido, o Dossiê também explicitou que as controvérsias são antigas e perenes entre os detentores. Entre elas se destacam, a disputa sobre quem pode pescar e em quais lugares; quem é ou não pescador; a aversão ao turismo e a venda de tarrafas e peixes para turistas; as dificuldades em relação ao cadastro no Ministério da Pesca e a manutenção da carteirinha; entre outras.

A continuidade da pesca com botos enfrenta uma série de ameaças que demandam ações de salvaguarda. A população de botos é pequena e ameaçada de extinção. A saúde dos estuários é comprometida pela poluição (efluentes industriais, agrotóxicos, esgoto), o que pode estar associado a doenças como a lobomicose que afeta os botos. O assoreamento dos canais e os eventos climáticos extremos também impactam a dinâmica da pesca. Conflitos com os usuários de jet skis, a pesca amadora e a falta de fiscalização eficaz são desafios constantes. O crescimento urbano desordenado, a especulação imobiliária e projetos de grandes infraestruturas (como novas pontes e emissários de esgoto) pressionam os ecossistemas estuarinos e as áreas tradicionais de pesca.

4. PESCA COM BOTOS COMO OBJETO DE REGISTRO

A Pesca com botos no Sul do Brasil, conforme caracterizada no Dossiê de Registro, atende aos critérios para Registro como Patrimônio Cultural do Brasil, conforme o Decreto nº 3.551/2000, por ser um saber-fazer tradicional com profunda referência à identidade, à ação e à memória dos grupos envolvidos. O bem se destaca como uma forma de interação singular entre humanos e botos, com poucos paralelos no mundo. Sua continuidade histórica de mais de um século, sua resiliência frente às transformações socioambientais e sua capacidade de constituir "comunidades híbridas" ou "sociedades de homens e botos" são valores que justificam seu Registro. A prática representa uma forma de convivência baseada na reciprocidade e no reconhecimento mútuo, contrastando com o histórico de exploração predatória de cetáceos na mesma região (caça da baleia). Além de ser uma fonte de sustento e segurança alimentar, é reconhecida como um "modo de vida" que estrutura o cotidiano, a sociabilidade e a saúde mental de seus detentores.

O bem cultural é um elemento central na constituição das paisagens dos estuários onde ocorre, sendo valorizado pela sociedade envolvente como um marco identitário, atrativo turístico e parte da cultura alimentar local. Também destaca-se que a colaboração entre pescadores e cientistas gerou patrimônio científico, formando gerações de pesquisadores, contribuindo para a proteção dos botos, das paisagens e dos saberes relacionados a essa prática interespécifica. O Dossiê aponta a possibilidade do Registro ser realizado no Livro Formas de Expressão ou no Livro Saberes. No âmbito das Formas de Expressão considera os elementos lúdicos, estéticos e comunicacionais envolvidos na arte de tarrafear, na confecção de petrechos e na complexa linguagem gestual da interação entre humanos e botos. No âmbito dos Saberes considera se tratar de um conhecimento e modo de fazer enraizado em práticas tradicionais e transmitido intergeracionalmente, tanto entre humanos quanto entre espécies.

5. INDICAÇÕES PARA A SALVAGUARDA

A partir do diagnóstico de riscos e ameaças (dinâmicas populacionais, desinteresse das novas gerações, conflitos de uso dos estuários, poluição e crescimento urbano desordenado), o Dossiê de Registro apresenta as seguintes recomendações para a salvaguarda do bem. No Eixo Mobilização Social e Alcance das Ações: (i) fortalecimento dos canais de intercâmbio e (ii) realização de inventários e mapeamentos participativos. No Eixo Gestão Participativa no Processo de Salvaguarda: (i) criação de coletivos deliberativos e (ii) elaboração de planos e protocolos. No Eixo Difusão e Valorização: (i) disponibilização de acervos e (ii) criação de centros de referência. No Eixo Produção e Reprodução Cultural: (i) apoio à regularização e (ii) qualificação e sinalização dos espaços.

Em relação ao fortalecimento dos canais de intercâmbio, sugere-se utilizar os canais de comunicação já existentes entre os detentores, como grupos de WhatsApp e redes sociais, como ferramentas para as estratégias de salvaguarda, difundindo informações e mobilizando ações. A realização de inventários e mapeamentos com a participação dos detentores e pesquisadores locais poderá auxiliar no contínuo aprofundamento e atualização do conhecimento sobre o bem, especialmente nos sítios menos estudados como o Rio Araranguá/SC e o Rio Mampituba/SC-RS.

O Dossiê também indica a necessidade de fomentar a criação de instâncias de gestão participativa ou fortalecer as já existentes (como o Fórum da Pesca em Laguna/SC) para que os detentores possam planejar e executar a salvaguarda, respeitando a temporalidade da pesca. Assim como menciona a necessidade de desenvolvimento de planos de salvaguarda locais e protocolos de consulta que estabeleçam como as comunidades desejam ser consultadas sobre projetos e medidas que possam afetá-las.

No âmbito da disponibilização de acervos o documento indica a necessidade de apoiar a conservação, organização e acesso público aos acervos documentais (fotografias, vídeos, pesquisas) sobre a pesca, para subsidiar ações de educação patrimonial e fortalecer o compartilhamento de saberes. O Dossiê também menciona a necessidade de apoio à criação de espaços dedicados à

memória e difusão do bem cultural nos sítios de ocorrência, para abrigar exposições, realizar oficinas e outras atividades, preferencialmente próximo às áreas de prática.

Em relação ao apoio à regularização o Dossiê indica oferecer assessoria legal e técnica para auxiliar os pescadores a lidar com as exigências burocráticas relativas à profissão, embarcações, seguro defeso e comercialização do pescado. A qualificação e sinalização dos espaços aparece no Dossiê com o indicativo da necessidade de melhorar a infraestrutura de apoio nos pontos de pesca (abrigos, sanitários) e instalar sinalização mais clara e efetiva sobre as regras da prática e as atividades proibidas (como circulação de jet skis), incluindo o pescador humano e o pescador boto como parte do patrimônio a ser respeitado.

6. CONCLUSÃO

Considerando que os saberes e práticas tradicionais associados à “Pesca com botos no sul do Brasil” não são um evento isolado, mas uma tradição viva, enraizada na memória, identidade e cotidiano de “comunidades híbridas” de humanos e botos.

Considerando sua relevância nacional, na medida em que aporta elementos importantes para a memória, identidade e a formação de grupos constituintes da sociedade brasileira.

Considerando que a partir da memória oral dos pescadores, aliada a registros documentais, foi comprovado que a prática ocorre de forma contínua desde, pelo menos, o final do século XIX.

Considerando que o complexo processo de ensino-aprendizagem e transmissão intergeracional do saber-fazer de forma interespecífica, o qual acontece a partir do entrelaçamento e co-constituição das linhas de vida de botos e pescadores, que aprendem a pescar juntos.

Considerando que a prática integra a paisagem e demonstrou capacidade de adaptação às transformações nessa paisagem, assim como contribui para reflexão e ação relacionada com o patrimônio cultural e mudanças climáticas.

Considerando que a Pesca com botos transcende os grupos de pescadores que realizam a prática, tornando-se um poderoso símbolo de identidade para as cidades onde ocorre, alicerçando mobilizações pela conservação ambiental e pela salvaguarda do patrimônio cultural.

Considerando a singularidade da comunicação não-verbal, cinésica e analógica entre homens e botos.

Considerando o potencial dessa prática para a ampliação dos limites do próprio campo do patrimônio cultural para além do humano, em sintonia com as demandas socioambientais do presente e as novas éticas não-antropocêntricas de coabitAÇÃO entre espécies (p. 209, 6636843).

Considerando tudo o que está demonstrado nos processos referentes à instrução técnica desse bem cultural e neste parecer técnico, somos favoráveis à inscrição, no Livro de Registro dos Saberes, dos Saberes e Práticas Tradicionais Associados à “Pesca com botos no sul do Brasil” como Patrimônio Cultural do Brasil.

[assinatura digital]

Carla Ferreira Cruz

Técnica I - Educação

Superintendência do Iphan em Santa Catarina

De acordo,
envio à Superintendente do Iphan/SC para análise e encaminhamentos.

[assinatura digital]

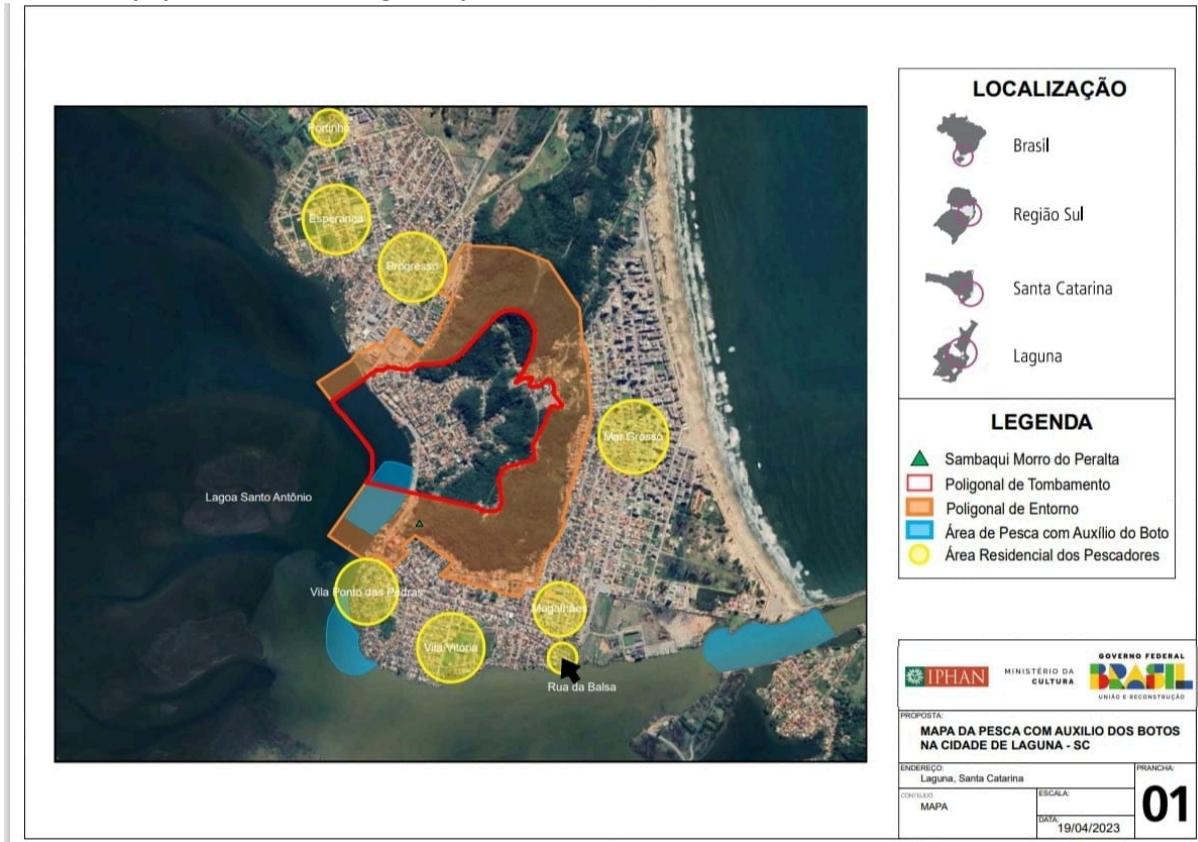
João Victor Joenck Hoffmann
Coordenador Técnico
COTEC/IPHAN-SC

De acordo,
envio ao Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial para os encaminhamentos cabíveis.

[assinatura digital]
Regina Helena Meirelles Santiago
Superintendente do Iphan em Santa Catarina

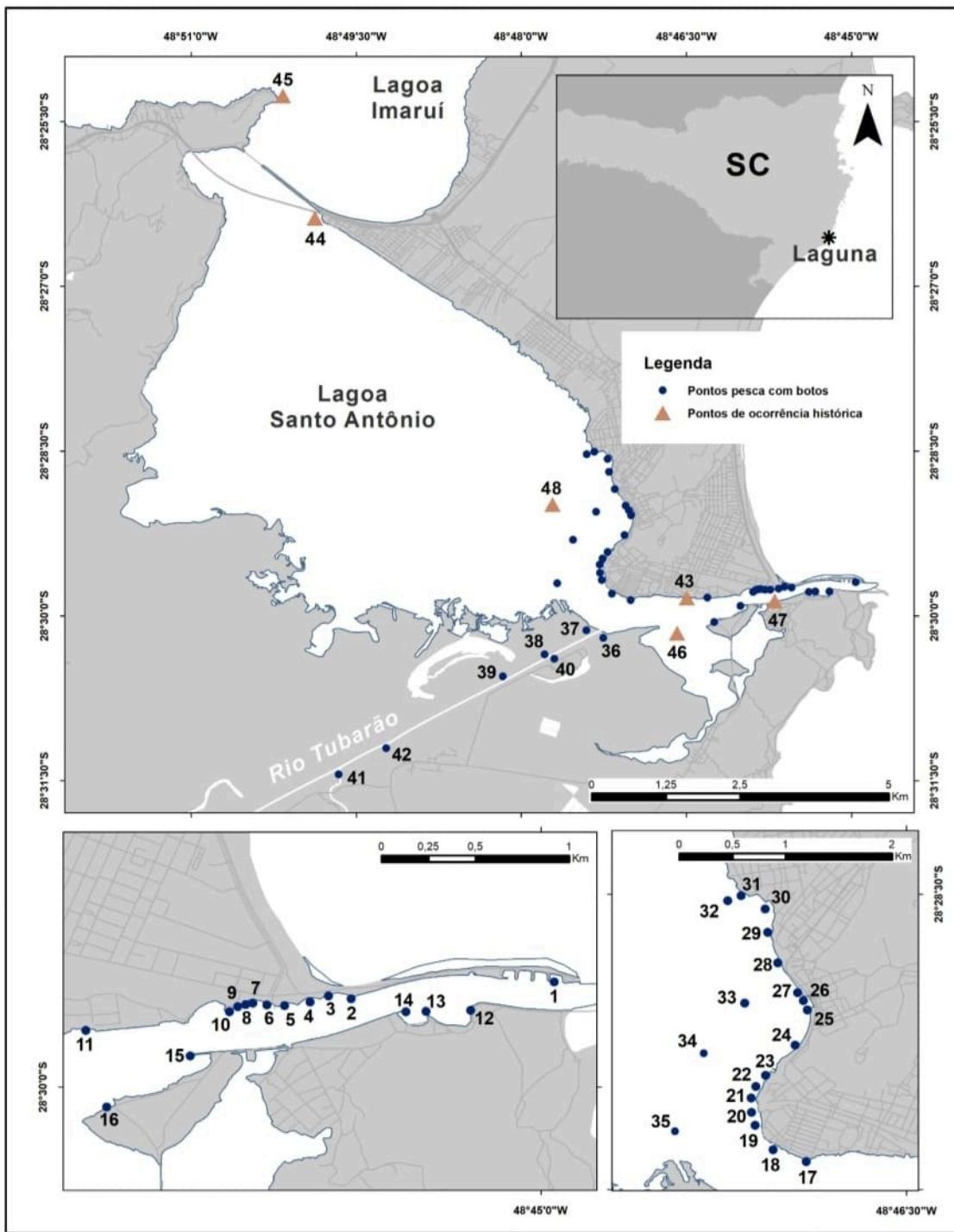
ANEXO I: MAPAS E LOCALIZAÇÕES

- 1) Localização Centro Histórico, Sambaqui, Locais de Pesca com botos e Moradia dos pescadores**
Autoria: Equipe técnica ETec Laguna/Iphan/SC, 2023 (6716648).



- 2) Localização pontos de Pesca com botos em Laguna/SC**

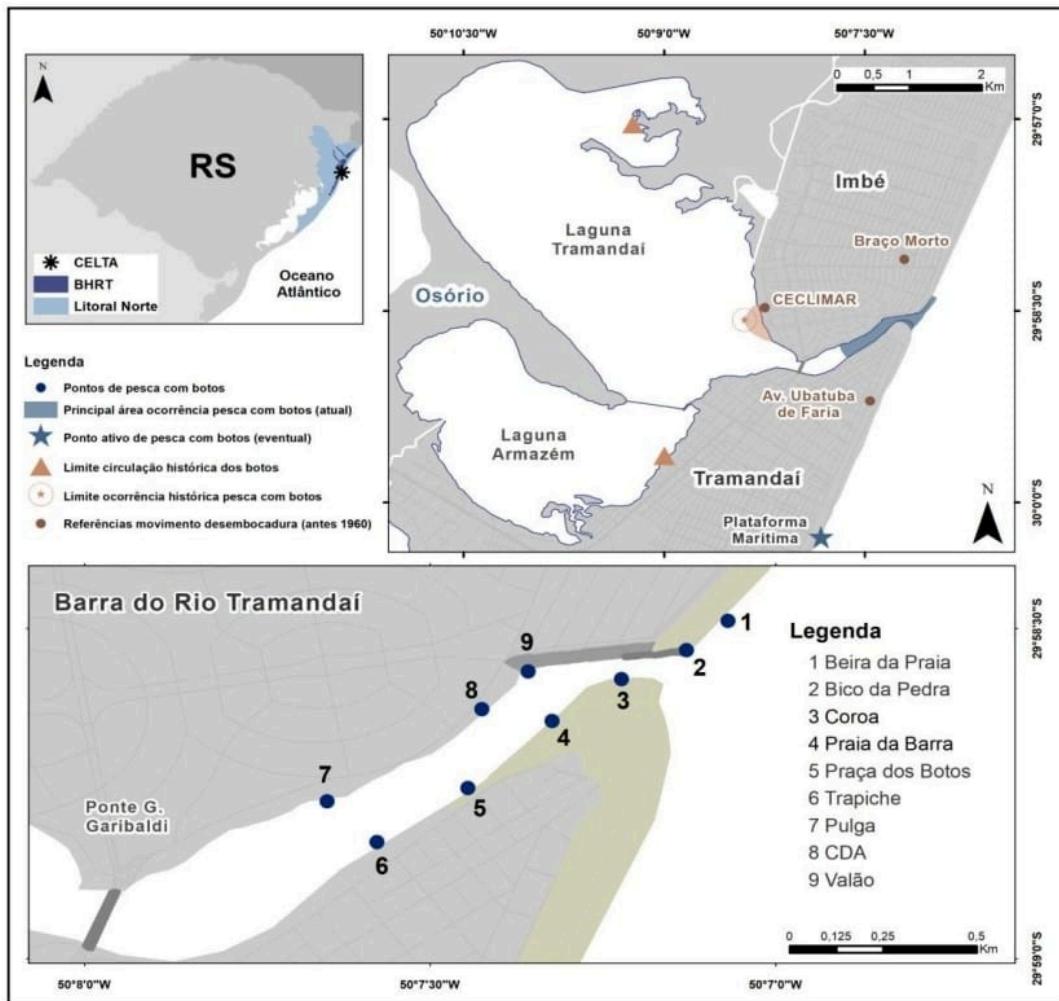
Autoria: Equipe de pesquisa Dossiê de Registro (CANOA/UFSC). 2025. Dossiê de Registro, p. 137.



Mapa 3: Pontos de pesca com botos identificados pelos detentores em Laguna (SC), atuais e históricos.
Elaboração própria, 2025.

3) Localização pontos de Pesca com botos na barra do Rio Tramandaí/RS

Autoria: Equipe de pesquisa Dossiê de Registro (CANOA/UFSC). 2025. Dossiê de Registro, p. 182.



ANEXO II: ENREDAMENTO HISTÓRIAS DE VIDA DE BOTOS E HOMENS EM LAGUNA/SC

Autoria: Equipe de pesquisa Dossiê de Registro (CANOA/UFSC). 2025. Dossiê de Registro, p. 126.



APÊNDICE: GLOSSÁRIO - PESCA COM BOTOS NO SUL DO BRASIL - 2025

Fonte: Sordi. Caetano et al. Pesca com Botos. Dossiê de Registro. 2025.

Aviãozinho: Armadilha de pesca utilizada para a captura de camarão, que utiliza argolas e luzes. É vista como uma ameaça pelos pescadores, pois a sua presença em grande número nas lagoas pode afastar os botos e criar obstáculos para eles.

Baby-doll: Um colete, geralmente confeccionado pelos próprios pescadores com retalhos de rede, usado para depositar as tainhas capturadas. Este acessório permite que os pescadores permaneçam na água sem precisar sair para guardar o pescado, sendo especialmente útil na dinâmica da "corrida do boto" em Tramandaí/RS.

Baliza: Sistema de organização social da pesca que existiu na barra do Rio Tramandaí/RS até a década de 1980. Semelhante ao sistema de "vagas" de Laguna/SC, o espaço era delimitado por taquaras, e os pescadores ocupavam os postos em uma fila por ordem de chegada, com a presença de fiscais experientes para organizar a atividade.

Batida (ou Batida do boto): Sinal de comunicação utilizado pelos botos em Laguna/SC, principalmente na pesca feita a partir de embarcações no Rio Tubarão/SC. O boto bate na água e mergulha, agrupando o cardume no fundo, e depois sinaliza o local exato riscando a superfície com a cauda. As capturas na batida são consideradas maiores do que no "pulo".

Borbulho: Sinal sutil emitido por um boto que indica a presença de peixe nas proximidades. Ocorre tanto em Laguna/SC quanto em Tramandaí/RS e é interpretado pelos pescadores experientes como um sinal de que o boto está "espiando" um peixe na margem.

Botos bons (ou Botos que trabalham): Classificação local para os botos que cooperam ativamente com os pescadores. São reconhecidos individualmente, recebem nomes e são vistos como parceiros, amigos, irmãos e até professores. Acredita-se que botos bons ensinam seus filhotes a serem bons também.

Botos ruins: Classificação para os botos que não cooperam, e que por vezes atrapalham a pesca ao espantar os cardumes. Geralmente não recebem nomes próprios e são tratados de forma genérica.

Cabeçada (ou Batida de cabeça): O principal gesto de sinalização dos botos na barra do Rio Tramandaí/RS. O boto emerge da água e dá uma batida com a cabeça ou o bico para indicar a presença e a localização do cardume.

Caldeirões (ou Golfinhos): Termo utilizado pelos pescadores para se referir aos golfinhos que vivem em alto-mar e não costumam adentrar os estuários para interagir na pesca.

Corrida do boto: A forma como a pesca com botos é praticada na barra do Rio Tramandaí/RS. É uma modalidade dinâmica na qual os pescadores não ocupam posições fixas, mas se deslocam constantemente pela margem arenosa, acompanhando o movimento dos botos que encurralam os peixes.

Embarcações (Botes, Canoas, Bateiras): Tipos de barcos tradicionais de pequeno porte, movidos a remo ou motor, utilizados na pesca artesanal e, em Laguna/SC, na modalidade embarcada da pesca com botos.

Pulo: O gesto de sinalização mais comum dos botos em Laguna/SC. Consiste em uma exibição energética do dorso, como um mergulho decidido, que os pescadores experientes sabem diferenciar de um simples movimento de respiração.

Restolho: O rastro ou perturbação que a tainha deixa na superfície da água ao se movimentar. É uma das pistas ambientais que os pescadores de Tramandaí observam para se posicionar durante a "corrida do boto".

Sarrilho: Estrutura de madeira construída sobre a água, característica da paisagem pesqueira de Laguna, que serve como abrigo para embarcações e petrechos. Possui um cilindro horizontal que permite suspender o barco para fora da água. Para os pescadores, funciona como uma extensão de sua casa ou garagem.

Tainha (Classificações Locais) Os pescadores não distinguem as tainhas por espécies, mas por seu estágio de desenvolvimento ontogenético, utilizando como classificação:

- **Tainha de corso:** Animais adultos durante a migração reprodutiva.
- **Tainha ovada:** Fêmeas com ovas amareladas.
- **Tainha leiteira:** Machos com gônadas brancas.
- **Tainha repolhuda:** Fêmeas com ovas presas às escamas.
- **Virote (ou Cara preta):** Tainhas jovens ou filhotes.
- **Facão:** Indivíduos magros, que estão retornando da migração após a desova.

- **Parati: O menor estágio de desenvolvimento.**
- **Guelra mole: Um estágio de desenvolvimento intermediário.**

Tarrafa: A ferramenta essencial e indispensável para a pesca com botos. É uma rede de pesca de formato cônico, arremessada manualmente, que se abre no ar e afunda rapidamente para capturar os peixes. Além de ferramenta de captura, funciona como um "acoplamento técnico-sensorial" que estende a percepção do pescador e serve para se comunicar com os botos. Seus principais tipos e partes são:

- **Tarrafa de argola:** Invenção mais recente, em que os fios (tensos) passam por uma argola no topo, fechando a rede completamente como um grande saco. Permite capturas maiores, mas sua despesa é mais trabalhosa.
- **Tarrafa de rufo:** Tipo mais antigo e comum, especialmente em Tramandaí. Possui uma pequena bolsa encrespada (rufo) na borda inferior que retém os peixes. É mais prática para despescas rápidas.
- **Partes da Tarrafa:**
 - **Chumbo:** Pesos distribuídos na borda inferior da rede.
 - **Fieira:** O cabo superior que se prende ao punho do pescador.
 - **Olho:** A extremidade superior da rede, onde a fieira se conecta.
 - **Panagem:** O tecido que forma o corpo da rede.
 - **Tensos:** Fios que conectam a borda da rede (tralha do chumbo) à parte interna do pano.
 - **Tralha (ou Entralhe):** A corda que percorre a circunferência externa da tarrafa, onde os chumbos são fixados.

Vagas: Sistema de organização social da pesca na Tesoura, em Laguna/SC. São posições de pesca fixas e enfileiradas dentro da água, ocupadas por ordem de chegada. O pescador humano perde a sua vaga e a passa para o próximo da fila após capturar duas ou mais tainhas.



Documento assinado eletronicamente por **Carla Ferreira Cruz, Técnico I**, em 09/12/2025, às 14:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joao Victor Joenck Hoffmann, Coordenador Técnico**, em 09/12/2025, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Regina Helena Meirelles Santiago, Superintendente do IPHAN-SC**, em 09/12/2025, às 14:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **6936187** e o código CRC **0890C79E**.